

DAN JONES

AUTOR DE *OS TEMPLÁRIOS E OS CRUZADOS*

HENRIQUE



A
EXTRAORDINÁRIA
ASCENSÃO
DO MAIOR REI
GUERREIRO
DE
INGLATERRA



«Uma biografia
repleta de adrenalina.»

The Spectator

«Uma narrativa
histórica no seu melhor.»

The Telegraph

Para D.

«Lia muitas vezes os seus livros, entregando-se à árdua tarefa
O rei era valente, um arqueiro, esquivando-se
a qualquer ociosidade.»

Os *Versus Rhythmic* de HENRIQUE V

«Companheiros, vamos lá!»

HENRIQUE V, 25 de outubro de 1415

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	15
-----------------------------	----

Primeira Parte: Príncipe (1386–1413)

1. O Rapaz com o Chapéu de Palha Preto	27
2. O Preço da Paz	39
3. «Eis que abrirei as vossas sepulturas»	51
4. Justiça Severa	63
5. «Bom primo»	73
6. «Um homem governa»	85
7. Príncipe de Gales	97
8. «Grande sofrimento e zelo»	111
9. «O seu poder miraculoso»	127
10. Crimes e Castigos	139
11. «Príncipe virtuoso».	151
12. Golpes e Conselhos	165
13. Fogo Sagrado	179
14. Baladas e Brigas	191
15. «A tempestade da queda»	201
16. «Filhos da iniquidade»	211

Segunda Parte: Rei (1413–1422)

17. «Um homem diferente»	225
18. Falsos Amigos	235
19. O Caminho para a Guerra	251
20. «Sorte inconstante e caprichosa».	263
21. Fogos Infernais	279
22. «Os seus poucos muito abençoados».	293
23. Triunfos	315
24. «Temido por todos»	331
25. «Quem é o grande senhor?»	345
26. «Esta vida debilitante de soldado»	359
27. «Agora as coisas são diferentes».	371
28. «Uma longa batalha»	387
29. «A Clarence!»	397
30. Para Jerusalém	411
 Epílogo: «A virtude tudo conquista».	 427
 <i>Notas</i>	 441
<i>Bibliografia</i>	469
<i>Índice remissivo</i>	479

MAPAS

1. Inglaterra, Gales e Irlanda nos começos do século xv	10
2. França nos começos do século xv	12
3. A campanha de Agincourt de 1415	294
4. A França depois do Tratado de Troyes (1420)	372





Inglaterra, Gales e Irlanda nos começos do século XV





França nos começos do século XV

INTRODUÇÃO

O médico está nervoso. John Bradmore é o melhor cirurgião de Inglaterra e o seu exercício clínico é muito reputado em Londres. Serve clientes ricos e poderosos, incluindo o rei. Exibe a autoconfiança suprema — a bordejar a arrogância — comum a cirurgiões de elite desde os tempos dos Gregos antigos.

Este caso, porém, é diferente.

No decurso da sua carreira, Bradmore provou repetidamente que consegue curar pacientes que outros cirurgiões deram como incuráveis — e muitas vezes por meios ousados e engenhosos. Curou uma mulher de escrófula, uma infecção tão terrível dos nódulos linfáticos que se pensa habitualmente que só reage ao toque de monarcas. Desenvolveu uma técnica para curar os papos nos olhos. Salvou um carpinteiro de Londres que cortara acidentalmente uma artéria do braço com um cinzel, cauterizando o ferimento com um pó que ele próprio concebeu.

Bradmore passou em tempos quase um mês a restabelecer a saúde de um funcionário real — o mestre dos pavilhões — que sucumbira à «tentação diabólica» e tentara suicidar-se, apontando um punhal à própria barriga e atirando-se contra a parede do seu gabinete. Porém, nenhum desses casos fora tão delicado, nem de nível tão elevado, como aquele de que está prestes a encarregar-se.

Corre o mês de julho de 1403 e Bradmore foi chamado a um lugar a 160 quilómetros de sua casa em Londres, o castelo de Kenilworth, um palácio fortificado na região central inglesa, lar

histórico dos poderosos duques de Lencastre. É uma viagem longa, por estradas irregulares, com destino a uma parte do país fustigada por tumultos.

Viajar não é, contudo, o problema, mesmo naquele período de grande turbulência, durante o qual a Inglaterra está à beira de uma guerra civil generalizada. E também não é ter de lidar com as exigências de clientes abastados.

O que torna aquela tarefa diferente é o que está em jogo.

O paciente acamado em Kenilworth, que frustrou todos os outros médicos que o observaram e que aguarda a atenção de Bradmore como último recurso, é um dos membros mais importantes da dinastia Lencastre.

É um rapaz adolescente, nascido dezasseis anos antes em Monmouth, que sobreviveu aos tempos periclitantes e sanguinários que ele e a Inglaterra viveram recentemente. É um guerreiro promissor, um amante prodigioso de música e literatura, desportista e caçador sequioso.

É o filho mais velho e herdeiro de um homem que há quatro anos veio a ser o primeiro rei Lencastre de Inglaterra, Henrique IV.

É Henrique, príncipe de Gales.

É quase certo que Henrique vai morrer.

Alguns dias antes, a 21 de julho, numa batalha travada logo a norte de Shrewsbury, nas terras fronteiriças entre a Inglaterra e Gales, ele foi atingido no rosto por uma flecha disparada por arco longo.

Não é totalmente claro como foi que isso aconteceu. Henrique deveria usar um elmo com viseira a proteger-lhe o rosto. Talvez tenha levantado a viseira ou retirado o elmo da cabeça para beber ou ter uma visão panorâmica do campo de batalha caótico e encharcado em sangue. Contudo, agora não importa *como* foi que aconteceu. O facto é que há já vários dias que a ponta de ferro de uma flecha rasgou a face de Henrique mesmo à direita do nariz. Cortou a bochecha, dilacerando cartilagem e carne até se alojar na parede posterior do crânio, a uma profundidade de quinze centímetros.

Então alguém — provavelmente o próprio Henrique — puxou pela haste da flecha e ela soltou-se da ponta metálica. No pânico do momento, isso poderá ter parecido o melhor a fazer.

Nada mais errado. Quando Henrique deixou o campo de batalha, tendo tido, segundo todos os relatos, um desempenho deveras corajoso, era óbvio que estava em risco de morte. Foi só graças ao milagre de uns poucos milímetros que a flecha não o cegou instantaneamente, lhe destruiu parte do cérebro ou o matou de imediato. De qualquer modo, tem ainda um pedaço de metal com quase 30 gramas cravado no interior da cabeça.

Tendo sido salvo por um milagre, Henrique precisa agora de outro. Bradmore tem de o produzir. A menos que a ponta da flecha seja removida, será apenas uma questão de tempo até que ela se desloque e danifique nervos e vasos sanguíneos no interior da cabeça ou resulte em septicemia.

Bradmore tem uma ideia de como poderá remover a ponta da flecha e depois fechar e cicatrizar a ferida. Na mala tem tudo aquilo de que precisa: blocos de tecido chamados drenos para manter as feridas abertas, antissépticos com base em mel ou vinho, pensos limpos e um utensílio que ele próprio concebeu, um pouco parecido com o espéculo, com o qual espera agarrar a ponta da flecha e extraí-la sem causar mais danos ao tecido. Ele sabe confeccionar pastas para conter as hemorragias, cremes para controlar a velocidade de cicatrização e óleos para drenar ferimentos de entrada. Tem uma vida inteira de experiência e mão firme.

Porém, como qualquer bom cirurgião, Bradmore sabe que há coisas que não pode controlar. Metal sujo na carne humana, perto do tronco cerebral: a experiência diz-lhe que há um risco elevado de o paciente sofrer uma apoplexia. («O medo do espasmo [...] era o meu maior medo», escreve Bradmore mais tarde.)

Um ataque poderia ser suscitado simplesmente pelos danos catastróficos já infligidos aos tecidos delicados da cabeça do paciente. Poderia ser causado por uma infecção secundária: os espasmos tóxicos dolorosos que hoje atribuímos ao tétano. Se ocorrer, será provavelmente fatal.

Além disso, mesmo que se evite a apoplexia, será ainda assim uma operação demorada, implicando muitas horas de cirurgia meticulosa sem um anestésico fiável, seguida de semanas de cuidados zelosos. Bradmore terá de dar o seu melhor para cumprir a tarefa. O paciente terá de demonstrar uma tolerância excecional à dor. E Deus terá de estar do lado deles.

Bradmore tem boas razões para estar nervoso. Aquela será uma das operações mais difíceis alguma vez realizadas por alguém em Inglaterra. As probabilidades estão contra ele, mesmo que faça tudo bem. E se cometer o mais ínfimo dos erros, há uma grande possibilidade de ser recordado como o homem que matou o mais velho dos quatro filhos do rei e alterou a linha de sucessão da Coroa inglesa.

As consequências do fracasso são claras. Porém, aquilo de que Bradmore não pode ter consciência é das consequências do êxito.

Porque o que ele não sabe — aquilo que ninguém pode possivelmente saber, incluindo o próprio paciente — é que se este rapaz de 16 anos que jaz ferido em Kenilworth sobreviver, virá a tornar-se alguém muito especial.

Será o rei considerado por muitas gerações que lhe sucederam como o melhor monarca medieval que a Inglaterra teve.

Este adolescente será um dia Henrique V.

Henrique será o general que vence a batalha de Agincourt e o conquistador que concretiza o sonho plantageneta já antigo de se apropriar da coroa de França.

Será o político que compreende melhor do que qualquer outro na sua época como se afirmar enquanto estadista na ribalta estrangeira ao mesmo tempo que conserva a harmonia na política interna.

Será o monarca que mais faz para promover a língua inglesa como idioma preferido de poetas e patriotas.

Será o rei exaltado pela geração que o conheceu, idolatrado por aquelas que se seguiram e por fim mitificado por William Shakespeare.

Não obstante, Henrique V só irá reinar durante nove anos e quatro meses, morrendo com apenas 35 anos; avultará sobre a

paisagem histórica da Idade Média tardia e para lá dela, recordado como o apogeu da realeza: o homem que cumpriu a função exatamente como era devido.

Será considerado o mais próximo que a sua era produziu de um dos Nove da Fama. Um titã. Um Alexandre inglês.

Um jovem Henrique VIII verá no seu antecessor e antepassado Henrique V um ídolo a ser imitado em grau obsessivo. Shakespeare apresentará Henrique V como um estudo de caso de personagem em que a juventude estouvada é redirecionada para uma atuação séria e sóbria como estadista. Nos dias mais negros da Segunda Guerra Mundial, o exemplo das vitórias de Henrique em França será proposto por cineastas britânicos como encorajamento para um povo existencialmente ameaçado pelo nazismo. Até mesmo Winston Churchill, que tem uma visão ambivalente de Henrique, lhe chamará «um raio de esplendor» na «história sombria e perturbada da Inglaterra medieval».¹

Com o século xx já avançado, o nome de Henrique conservará o poder de seduzir e extasiar. É verdade que em cada geração há sempre um historiador a dar o seu melhor para denegrir Henrique, mostrando-o geralmente como um instigador da guerra fria, violento e excessivamente ambicioso cujas campanhas em França foram causa de terrível sofrimento humano e acabaram por se revelar um desperdício colossal de dinheiro e tempo, uma vez que não tiveram efeito permanente. Contudo, essas são normalmente vozes que clamam no deserto.

É muito mais frequente que aqueles que avaliam o que deveria ser e fazer um rei medieval façam eco do juízo proferido em 1972 por um dos melhores, mais criteriosos e influentes medievalistas da era moderna, que declarou em público considerar Henrique «o maior homem que alguma vez governou a Inglaterra».

Merecerá Henrique essa designação? Creio que sim. Porém, a razão por que a merece não é uma questão que possa ser respondida com base numa única batalha — o seu triunfo em Agincourt em 1415 —, nem com recurso à simples preferência de que os nossos reis sejam viris e belicosos.

Para compreender por que razão — e como — Henrique V foi tão espetacularmente bem-sucedido no seu tempo, porque foi tão amplamente admirado após a sua morte e porque a sua reputação impressionou tantos historiadores ao longo de tantos séculos, é necessário analisar a totalidade da sua vida.

Henrique teve uma vida curta e só foi rei durante um quarto dela. O que fez dele uma figura tão extraordinária e eficaz (deixando de parte a sorte, que, como todas as grandes figuras históricas, soube aproveitar quando surgiu) reside tanto nos vinte e seis anos que precederam a sua coroação quanto nos nove subsequentes. Muitos historiadores enalteceram Henrique pelo que ele conseguiu fazer como rei, observando que arrancou Inglaterra à estagnação em que se afundara durante o reinado pernicioso do primo dele, Ricardo II (1377–1399) e o reinado turbulento do pai, Henrique IV (1399–1413), equilibrando feitos militares espantosos com um governo interno estável e consensual.

No entanto, o que é habitualmente subvalorizado é o grau de preparação que Henrique já tinha para desempenhar esse papel quando subiu ao trono, em 1413. Para se compreender o rei, tem de se compreender o príncipe. Foi essa a premissa em torno da qual concebi e estruturei este livro.

Esta é uma nova biografia de Henrique V. Há muito que aguardava a oportunidade de a escrever.

Há mais de uma década publiquei *The Plantagenets*, uma exposição narrativa que cobriu a história dessa dinastia desde a subida de Henrique II ao trono, em 1154, até à deposição de Ricardo II na revolução dos Lencastres de 1399. Dois anos depois, dei à estampa um volume associado denominado *The Hollow Crown*. Esse livro principiava em 1420 e terminava em 1525.

Entre esses dois deixei um hiato na forma de *Henrique V*.

Não se tratava de o tema não me interessar; muito pelo contrário. Esse tema fascinava-me tanto que quis esperar até me sentir um pouco mais experiente na escrita para o abordar.

Porque Henrique V é, acima de tudo, um desafio. Ele é uma das personagens mais intrigantes de toda a História medieval, mas ao mesmo tempo uma das mais difíceis de decifrar.

Henrique tinha reputação de ser austero a ponto do dessecação, mas era também teatral e extraordinariamente hábil na arte do espetáculo público.

Era um guerreiro endurecido, um soldado inflexível que exerceu o poder da vida ou da morte sobre os seus inimigos desde os primeiros anos da adolescência e deu (infamemente) ordem para que os prisioneiros de guerra de Agincourt fossem chacinados em massa. Todavia, era também criativo, artístico e literato, com temperamento livresco e talento para compor música e tocar alguns instrumentos, incluindo a harpa.

Foi um líder que cometeu o seu quinhão de erros, avaliou mal os seus amigos e familiares, e fez apostas que o levaram e a outros à beira da ruína. No entanto, pareceu triunfar sempre quando era importante.

Foi um rei que fez mais do que qualquer outro para recuperar a Inglaterra do limiar do torpor económico, do facciosismo político tóxico e do desdém do espaço europeu: um caso de estudo na arte da liderança num tempo de crise, que parece particularmente adequado quando hoje escrevo estas palavras. Contudo, através do seu triunfo singular — a efetiva conquista da coroa francesa e da metade setentrional do reino de França — lançou as sementes de três gerações de calamidade no seu país, sob a forma das Guerras das Rosas.

Era filho de seu pai, honrando e resgatando os destinos da dinastia Lencastre que se apoderara da Coroa em 1399. No entanto, parecia muitas vezes dever mais na sua maneira de governar — e nas suas inclinações — ao antecessor infeliz e histriónico do pai, Ricardo II, o rei que a revolução de 1399 depusera.

Estes elementos concorrentes do caráter de Henrique fazem dele um sujeito difícil, mas atraente, de biografar. O mesmo acontece com a forma geralmente distorcida da reputação histórica

popular de Henrique, que tende a concentrar-se excessivamente na vitória miraculosa em Agincourt, e pouco na sua vida antes de ser rei e depois de ser conquistador.

Em suma, sempre me pareceu que, tendo em conta a natureza extraordinária dos seus feitos, a intensidade dramática da sua vida relativamente curta e a sua importância cultural singular na história inglesa, Henrique merece um volume só seu.

Foi por isso que planeei ao longo da última década escrever uma biografia que consistisse num retrato autónomo do rei e do homem, ao mesmo tempo que também servia de volume final para ser lido a par de *The Plantagenets* e de *The Hollow Crown*: não propriamente a terceira parte de uma trilogia, mas o painel final de um tríptico.

Este é esse livro.

Disse já muito sobre a história que está prestes a ler, mas parece-me importante referir mais dois pontos antes de começarmos.

O primeiro diz respeito à estrutura. Como já alivitei, os livros sobre Henrique V são muitas vezes desequilibrados. Ou seja: debruçam-se muito largamente sobre os anos em que foi rei (1413–1422) e pouquíssimo sobre os anos da sua vida anterior (1386–1413).

É algo que se me afigura um erro. Henrique V desfrutou de uma aprendizagem longa, intensa e inestimável para a posição de monarca. Não nasceu para ser rei, mas desde cerca dos 10 anos esteve em estreita proximidade com a realeza e foi, desde os 13, um herdeiro do trono política e militarmente ativo.

Contudo, só Shakespeare — a trabalhar na área do teatro e optando por assentar a sua narrativa numa caracterização quase totalmente fictícia do jovem Henrique como bêbedo estouvado e mulherengo — consegue perceber que, para se interpretar Henrique, temos de interpretar igualmente «Hal», o rapaz e o príncipe. Este livro procura colmatar esse desequilíbrio na sua estrutura. Quase todos os outros biógrafos sérios de Henrique trataram os vinte e seis anos da sua aprendizagem como um breve prelúdio à

verdadeira ocupação da história da sua vida. Ver-se-á aqui que Henrique não se torna rei senão exatamente a meio da história.

O segundo ponto refere-se ao estilo. É da tradição escrever livros de História no pretérito perfeito. Eu próprio procedi sempre assim. A História é por definição o estudo de coisas que aconteceram. (Ou, se se preferir, de coisas que *já* aconteceram.) Tem normalmente sentido descrevê-las dessa maneira.

Normalmente. Mas nem sempre.

É possível que tentar escrever uma biografia de uma figura medieval possa ser uma contradição nos próprios termos. Na aceção atual, a palavra «biografia» implica um grau de discernimento psicológico e análise do mundo interior do sujeito que é genericamente impossível, tendo em conta a natureza das fontes medievais.

Henrique V não era uma rainha Vitória. Tanto quanto sabemos, não escrevia um diário. Comentários e reflexões pessoais dele que possamos obter têm de ser minerados em fontes que nunca foram criadas com o propósito de abrir a sua mente em benefício de futuros estudiosos. Na sua maior parte, aquilo de que dispomos são as suas ordens e as suas ações. Nada mais.

Então, como é que damos vida a Henrique V? Como podemos aproximar-nos tanto quanto possível do homem, não deixando em simultâneo de ser historiadores responsáveis? Como podemos ficar a conhecê-lo sem nos transviarmos no reino da fantasia de Hollywood?

A minha resposta a essas perguntas, que deixo aqui com humildade, mas sem pedir desculpa, é pelo estilo narrativo, escrevendo a história da vida dele no tempo presente.

Henrique monta. Combate. Reza. Planeia. Governa.

Está ao nosso lado enquanto faz tudo isso. Nós vivemos, tal como ele, no limiar da decisão seguinte e no pico da crise seguinte. Somos arrancados com um sobressalto ao nosso lugar confortável no futuro distante e, com ele, temos de nos debater com o mundo medieval em tempo real.

Espero que o efeito desta abordagem muito pouco tradicional seja que Henrique se torne, nas páginas que se seguem, um homem

ao lado de quem vivemos. Espero que o leitor descubra, como eu descobri, que ele é um homem de profundezas e gostos surpreendentes, que carrega consigo uma variedade de influências contraditórias acumuladas no decurso da sua vida, que rodopiam à sua volta à medida que amadurece.

Espero que aprecie, como eu apreciei, ver como Henrique tenta cada vez mais conduzir a sua vida de detrás de uma máscara que revela o mínimo possível de si mesmo. E espero que sinta o mesmo entusiasmo que eu senti ao espreitar o que há por detrás dessa máscara.

Henrique fará a sua vontade. Fá-la-emos com ele e espero que, no fim, sintamos que o conhecemos melhor do que julgáramos possível.

Este é Henrique V.

Desfrute do passeio.

Dan Jones
Staines-upon-Thames
Primavera de 2024

PRIMEIRA PARTE

PRÍNCIPE
1386 – 1413

«Meu Deus! Esta é uma terra maravilhosa e inconstante, que exilou,
assassinou, destruiu ou arruinou tantos reis, senhores e grandes
homens, e está constantemente infetada e afadigada com contendas,
desinteligências e inveja [...]»

REI RICARDO II

1

O RAPAZ COM O CHAPÉU DE PALHA PRETO

A jovem está em trabalho de parto num aposento por cima da guarita do castelo de Monmouth, uma fortaleza instalada na confluência de dois rios, nas terras fronteiriças férteis e verdejantes entre a Inglaterra e Gales.

Chama-se Maria de Bohun. Não deixou há muito de ser criança: uma rapariga magra e loura, com apenas 16 ou 17 primaveras, sobranceiras arqueadas e olhos bem afastados num rosto redondo que se afunila num pequeno queixo protuberante, e um cabelo que é uma cascata solta de caracóis dourados.¹

Maria é uma rapariga bonita, ou pelo menos será posteriormente desenhada dessa maneira para a embelezar. Contudo, dar à luz um primogénito não é agradável. É um fardo e um dever. O fardo foi atribuído por Deus aquando da Queda a todas as descendentes de Eva: um «grande sofrimento e grande doença», que pode fazer desesperar uma mulher, «imaginando que possa não sobreviver». ² O dever é atribuído pela sociedade nobre a todas as mulheres jovens como Maria, que foram casadas com homens poderosos para servir de recetáculos às suas dinastias. Ela tem de ter filhos com a frequência de que for capaz.

Esta é a primeira vez que Maria cumpre o seu dever: o primeiro bebé que traz ao mundo. ³ É muito provável que esteja aterrorizada. Se não está, devia estar. Um dia, dar à luz matá-la-á.

Maria é casada desde que tinha cerca de 12 anos. Houve um tempo em que ela pensou que podia ser freira, como as irmãs

silenciosas da ordem de Santa Clara, que lhe ministravam lições. Porém, esse tempo terminou abruptamente a 5 de fevereiro de 1381, numa mansão senhorial a 300 quilómetros daqui, quando desposou o marido, um nobre adolescente chamado Henrique Bolingbroke que ainda não completara os 14 anos.

Muito é dado a casais jovens como Bolingbroke e Maria, e o casamento deles foi um espetáculo sumptuoso. Foi pago pelo padrinho de Maria, João de Gaunt, duque de Lencastre, tio do rei e o mais poderoso senhor da terra. Na festa, Gaunt ofereceu a Maria um rubi. As novas cunhadas deram-lhe canecas e jarros.

E, com o tempo, o novo marido dela, o jovem Bolingbroke, deu-lhe um bebé. Aqui, hoje, acima dos portões do castelo de Monmouth, essa criança vem ruidosamente ao mundo.

A data do nascimento não ficará devidamente registada, porque na altura não se considerava ser realmente importante. Porém, muito mais tarde isso será corrigido, num opúsculo astrológico que associa o futuro prodigioso da criança aos movimentos dos corpos celestes.

Com uma certeza improvável, o futuro observador de estrelas assinala: 16 de setembro de 1386.

11h22.⁴

Nasceu um rapaz.

Recebeu o mesmo nome do pai.

O jovem lorde Henrique respira*.⁵

A Inglaterra em que Henrique nasceu é um reino de 2,23 milhões de pessoas, encabeçadas por um rei e governadas por alguns milhares de membros de uma pequena casta fechada aristocrática e clerical.⁶ Nascer nessa casta proporciona um enorme privilégio: riqueza inimaginável para quase todos os outros, uma maior expectativa de vida, uma dieta melhor, mais liberdades jurídicas e a dignidade de os seus feitos e ações ficarem registados para a posteridade. É uma entrada para o poder.

* O nome «jovem lorde Henrique» é o que lhe é atribuído nos relatos da família.

É verdade que o reino tem instituições que organizam e cerceiam esse poder: Coroa, Igreja e Parlamento, bem como tribunais, universidades e guildas comerciais. Estas instituições têm as suas regras e normas particulares, desenvolvidas ao longo de séculos. No entanto, embora o poder se exprima através dos cargos, é *controlado* pelos membros de poucas dezenas de famílias latifundiárias, como aquela em que Henrique nasceu: um conluio de bem-nascidos cujos passados e futuros estão entretecidos pelo casamento no seu meio. Estas são as pessoas que possuem terra, dispensam a justiça, comandam exércitos e elidem os seus objetivos pessoais com os do reino em geral.

As coisas têm sido assim desde tempos imemoriais, resistindo fortemente a tudo menos às mudanças mais graduais. Cinco anos antes do nascimento de Henrique, no verão caótico de 1381, pessoas comuns por toda a Inglaterra sublevaram-se, assassinando os seus senhores e exigindo que a própria suserania fosse abolida. As exigências delas foram ignoradas e os tumultos ferozmente punidos. Os rebeldes perguntavam: «Quando Adão cavava e Eva fiava, quem era o senhor?»⁷ Contudo, a opinião instruída não quer saber de versejar utópico. «Se é natural para o homem viver na sociedade de muitos, é necessário que exista entre os homens algum meio que permita que eles sejam governados», responde.⁸

Esse *meio* é a aristocracia vinculada ao sangue. É, portanto, um golpe de sorte para o jovem Henrique nascer neste mundo, como primogénito do primogénito da casa nobre de Lencastre.

O patriarca da casa de Lencastre é o avô de Henrique, João de Gaunt, com 46 anos. Gaunt é de longe o nobre mais rico e mais poderoso de Inglaterra. É soldado, diplomata, patrono de escritores, incluindo Geoffrey Chaucer, e protetor de teólogos radicais como John Wyclif. Tem uma vasta família, incluindo filhos de duas mulheres — a mãe falecida de Bolingbroke, Blanche, e a atual duquesa Constança de Castela —, bem como de uma amante, a dama de companhia de Constança, Catarina Swynford, que virá também a ser duquesa.

Além de ser duque de Lencastre, Gaunt é detentor de mais cinco condados, e o seu património fundiário — que se estende do Lancashire e das Midlands até Gales e à Ânglia Oriental — é maior do que qualquer outro, com exceção do da Coroa. Ele é o mais velho dos três filhos que sobreviveram do falecido rei Eduardo III; os irmãos mais novos são Edmund Langley, com 45 anos, duque de Iorque, um indivíduo simples e caseiro, com pouco interesse e sem instinto para a política e a carreira das armas; e Thomas de Woodstock, de 32 anos, duque de Gloucester, erudito, amplamente admirado, mas agressivo e não disposto a tolerar idiotas, entre os quais inclui o seu sobrinho (e também de Gaunt e Langley), o rei Ricardo II, com 19 anos.

Também Gaunt tem uma relação complicada com Ricardo: há alturas em que o rei entreteve a ideia de o assassinar. No entanto, tem mais faro para lidar com o sobrinho do que muitos outros. Além disso, Gaunt tem pretensões à sua própria coroa. Quando do nascimento do jovem Henrique, ele está fora do país com um exército de cinco mil homens, a tentar fazer valer a sua pretensão à coroa do reino espanhol de Castela e Leão, que reivindica em virtude do direito da sua mulher Constança.

É então assim que se apresenta a liderança da casa de Lencastre. É isto que, na devida altura, o bebé Henrique pode ter esperança de herdar. Poderá vir a ser rei espanhol. No mínimo, um dia será um dos principais nobres de Inglaterra, desde que Gaunt, e o pai de 19 anos de Henrique, Bolingbroke, consigam administrar a herança Lencastre e transmitir-lha intacta, sem que eles próprios entrem em rota de colisão com o seu volúvel parente, o rei.

Quando Henrique nasce, Ricardo II já é rei há uma década, desde 1377, quando tinha 10 anos. Os pais dele eram o filho mais velho de Eduardo III, Eduardo (um guerreiro inigualável conhecido muito mais tarde por «Príncipe Negro») e a sobrinha do rei, Joana, a «Bela Donzela de Kent»*. Quando Ricardo foi coroado, todo o

* Os pais de Ricardo eram, portanto, primos direitos.

país celebrou e Londres lançou-se num frenesim de incessantes orações de graças. O velho rei Eduardo reinara durante meio século e, apesar de no seu fausto ter sido um dos maiores monarcas da história inglesa, o seu reinado deixara-se arrastar para a corrupção, o facciosismo e o declínio.

Assim, Ricardo foi proclamado como salvador. Porém, à medida que cresceu, não foi isso que veio a ser. Tem uma noção muito desenvolvida do ritual e do espetáculo visual do exercício da monarquia, e uma conceção terrível da majestade real como pastoral e até sacerdotal. Todavia, os seus instintos de governação penderam para a paz externa e a severidade tirânica no país — mais ou menos o contrário do que se espera de um rei plantageneta.

Bolingbroke tem quase a mesma idade de Ricardo e um temperamento tão diferente quanto possível. Os dois rapazes foram criados juntos durante algum tempo*. Foram feitos cavaleiros na mesma altura, aos 10 anos, no Dia de São Jorge, 23 de abril de 1377, pelo avô frágil e senil, Eduardo III. Apenas alguns meses depois, quando Eduardo morreu e Ricardo foi coroado como seu sucessor, Bolingbroke teve um papel no âmagio da pompa de coroação: fazer a guarda a Ricardo, sendo portador da espada cerimonial Cortana†.

Nos primeiros anos do reinado de Ricardo, Bolingbroke frequentou regularmente a corte do rei-menino, trajando tecidos e peles exóticas, trocando presentes, entregando-se aos jogos de mesa, caçando, praticando falcoaria e até competindo em torneios.⁹ Os rapazes passaram juntos pela experiência dos terrores de 1381, quando multidões violentas pilharam Londres, lincharam altos funcionários do reino, incluindo o arcebispo de Cantuária, incendiaram o palácio Savoy de Gaunt sem que nada restasse e invadiram a Torre de Londres. Bolingbroke escapou a ser capturado, ou ainda pior, porque um soldado leal chamado John Ferrer o escondeu num roupeiro até ter passado o perigo.

* Ricardo nasceu a 6 de janeiro de 1367. Bolingbroke nasceu provavelmente a 15 de abril do mesmo ano.

† Considerada variavelmente como tendo sido brandida pelo rei saxão santificado Eduardo, o *Confessor*, e pelo lendário cavaleiro Tristão de Inglaterra.

Em anos recentes, porém, os primos foram-se afastando: Ricardo rodeou-se de uma facção de favoritos da qual Bolingbroke foi claramente excluído. Integrava-a o antigo tutor do rei, Simon Burley, e o desprezado Robert de Vere, duque da Irlanda, com 24 anos, cujo domínio fácil sobre a atenção do rei virá posteriormente a inspirar boatos de que o duque o enfeitiçou ou seduziu.¹⁰

Mas, os adúladores são um sintoma do problema e não a causa. O rei é pomposo, teatral e fisicamente imponente. É também errático, irascível e petulante. Adora os ornamentos da monarquia, mas não compreende a seriedade do cargo que ocupa. Em vez de o admitir e procurar o apoio de homens capazes, promove bajuladores e convence-se de que é ameaçado por inimigos que tentam contê-lo. Ricardo não se poupa a presentes generosos, mas poupa-se ainda menos nas palavras cruéis. Por vezes é violento: meses antes do nascimento de Henrique, esmurrou o conde de Arundel com força suficiente e tão inesperadamente que o fez cair por terra.

Como veremos, fervilha a inquietação política e não demorará muito até que transborde*.

No entanto, Ricardo é o rei e é de sua vontade que Bolingbroke permaneça na linha de sucessão para herdar os muitos títulos e vastas propriedades do pai, Gaunt. É com a bênção do rei que ele detém o título subordinado da família como conde de Derby. Foi por indicação do rei que ele casou com a jovem Maria de Bohun em 1381, incluindo na órbita Lencastre o quinhão de Maria na imensa herança Bohun: os condados de Hereford, Essex e Northampton†. Será com a aprovação de Ricardo que, na devida altura, o jovem Henrique, ainda nas primeiras semanas da sua vida, virá a assumir o seu próprio lugar na hierarquia da família Lencastre e na vida pública de Inglaterra.

Porém, primeiro, o jovem Henrique tem de sobreviver.

* Ver Capítulo 3.

† Os Bohun também colheram prestígio pessoal significativo ao longo das gerações: como participantes enérgicos nas guerras escocesas de Eduardo I, nas guerras francesas de Eduardo III e, perto do fim, numa cruzada para punir os monarcas mamelucos do Egito, em que o falecido pai de Maria, Humphrey, ajudara a pilhar Alexandria.

*

É considerado um bebé franzino, numa era que não favorece os débeis.¹¹ Mesmo em tempos normais, pelo menos 1 em cada 5 crianças nascidas na Europa não chega ao segundo aniversário; quase um terço morrerá sem alcançar a maturidade plena.¹² Quando Henrique nasce, os perigos são maiores do que nunca. Desde há décadas que a Europa vem a ser atormentada por vagas recorrentes de uma doença pandémica conhecida por Peste Negra. Esta pestilência já reduziu a população da Inglaterra para metade. Continua, no entanto, a voltar em busca de mais vítimas e essas são agora esmagadoramente das camadas mais jovens. Quando a peste veio pela primeira vez, atingiu igualmente crianças e adultos. Porém, quando teve o seu pico três anos antes do nascimento de Henrique, nove em cada dez das suas vítimas eram crianças.¹³

Há muitas teorias sobre como melhor evitar ser infetado: vomitar diariamente com o estômago vazio, libertar-se de toxinas pelo suor, metendo-se na cama e bebendo cerveja quente com gengibre macerado, ou fazendo sangrias.¹⁴ Como é óbvio, estas não são práticas adequadas para bebés tão pequenos. Daí que, no batismo de Henrique — um ritual que consiste tipicamente em marinar a criança em sal, azeite e saliva antes de ser mergulhada três vezes na pia —, sejam ditas orações a rogar proteção de um cônego agostiniano recentemente falecido: John Thwing de Bridlington.

Thwing foi muito apreciado em vida. Fez um voto de castidade aos 12 anos, dedicou-se diligentemente aos seus estudos na Universidade de Oxford e veio a seguir uma carreira eclesiástica imaculada. Uma biografia em verso recorda a sua agradável fisionomia e explica que «quando os outros dormiam, ele acordava com frequência, ocupando-se zelosamente com orações a Deus, tanto em jovem como com idade já avançada». Dizia-se que era «íntegro [...] e misericordioso [...] discreto no seu comportamento e não vingativo, pleno de compaixão e razão».¹⁵ Milagres relatados do túmulo de Thwing desde a sua morte, em 1379, apontam para

que o seu espírito tivesse curado enfermos, ressuscitado mortos e expulsado demónios.¹⁶

Ambos os pais de Henrique veneram Thwing: foi escrito um comentário sobre a sua vida e os seus feitos sagrados para o falecido pai de Maria, Humphrey. Bolingbroke visitará o túmulo de Thwing em busca de orientação e proteção em momentos de crise ao longo da sua vida. Terá talvez esperança de que esse homem casto e santo de Bridlington constitua de alguma maneira um modelo para o seu filho primogénito.

Por agora, porém, seja por intercessão de Thwing ou pelo simples acaso do destino, a peste poupa Henrique.

E assim ele vai crescendo.

A juventude tem as suas fases. Durante os primeiros sete anos de Henrique, ele será uma criança, a viver aquilo que os estudiosos chamam um estado de *infantia*. Entre os 7 e os 14 anos vem a mocidade (*puerita*), depois a adolescência, que alguns consideram prolongar-se até aos 21 anos, mas outros pensam só terminar verdadeiramente quando um homem chega aos 30 ou mesmo 35... aproximadamente a esperança média de vida à nascença* para uma criança do sexo masculino nascida numa família próspera.¹⁷

A princípio, a criança Henrique vive em camas de dormir e túnicas de cetim escarlate e branco, rodeada de mulheres.¹⁸ Uma ama chamada Joan Waryn dá-lhe de mamar e ele recordá-la-á até ao fim da vida.¹⁹ Posteriormente é nomeada uma governanta ou «precetora» com o nome Mary Hervy.²⁰ A supervisionar tudo está Maria de Bohun, a mãe, que tão recentemente saiu da sua própria adolescência.

Maria é elegante e piedosa, e a casa de família brilha com a sua alegria. Ela adora vestes esplêndidas e livros de oração belamente encadernados. Tem cães e papagaios como animais de estimação e joga xadrez sobre um tabuleiro de prata. Para assinalar o seu

* A esperança de vida à nascença na Idade Média é reduzida pela forte incidência da mortalidade infantil. A esperança de vida aos 25 anos é de 58 anos.

décimo oitavo aniversário, lava os pés de mulheres pobres e dá-lhes uma moeda de seis *pence*. Bolingbroke visita-a com a assiduidade possível e mesmo quando está fora — o que acontece amiúde — envia à mulher presentes de frutos, nozes e alimentos marinhos frescos.²¹ Acima de tudo está a música: Maria toca harpa, toca guitarra e canta. Compõe música em pautas que ela própria traça com uma régua. Menestréis e músicos entretêm a família e os seus convidados. O jovem Henrique cresce com o som de trompas e tambores nos ouvidos. É um amor que nunca o abandonará.

Sob os cuidados de Maria, este lar animado e cheio de vida, com o espaço para as crianças, percorre várias regiões de Inglaterra. Henrique aprende a caminhar, a correr e a brincar nos grandes castelos e palácios do ducado de Lencastre. A mãe leva-o a Leicester e Peterborough. Hospedam-se com a segunda mulher de João de Gaunt, a duquesa Constança, em Tutbury, no Staffordshire. Vão a Kenilworth, uma fortaleza de arenito vermelho nas Midlands, que se ergue entre as águas paradas e frias de um lago artificial chamado Mere, em torno da qual os trabalhadores de João de Gaunt se afadigam a transformar o quartel-general dos Lencastre num palácio adequado a um pretendente a rei. Entre esses lugares, Henrique aprende a apreciar os tradicionais passatempos de ar livre dos rapazes ricos: caçar, pescar, montar e correr.²²

À medida que a família viaja, aumenta em número. Maria engravida regularmente. Henrique mal dá os primeiros passos quando, em finais de 1387, tem um irmãozinho, que recebe o inspirador nome de Tomás, com antecedentes na família Lencastre*. Em junho de 1389 nasce mais um irmão, João, e depois, em outubro de 1390, Humphrey, o mesmo nome do falecido pai de Maria. Duas irmãs, Blanche e Filipa, vêm ao mundo em 1392 e 1394. Quando da chegada desta última, Henrique já deixou a creche real. Já não traja as túnicas infantis, mas antes camisas de

* Tomás, conde de Lencastre, era o primo beligerante de Eduardo II que encabeçou a oposição dos barões contra Eduardo até à sua derrota na batalha de Boroughbridge em 1322, sendo depois decapitado como traidor.

linho e robes verdes e brancos debruados a pele de esquilo, um gorro vermelho no inverno e um chapéu preto de palha para lhe proteger o rosto do sol no verão. Lava-se com sabão encomendado de Londres e fica a pé depois de escurecer, à luz de uma candeia no seu quarto.²³ Sobreviveu à infância e está pronto para ser instruído.

Recebe as suas lições na sala de aulas e na sela. Para os rapazes, uma vida nobre é física, e Henrique tem de aprender a montar, a caçar e a combater — e depois praticar obstinadamente. («Aquele que as armas assombrarão, tem de principiar na juventude / Em todas as artes à face da terra, o hábito é um mestre», escreve um poeta da época.)²⁴ Os pais compram-lhe o equipamento de que precisa: selas, espadas, aves, galgos e couraça. Quando adoece, chamam os melhores médicos para virem apressadamente da capital dar-lhe assistência. Nomeiam amigos e servidores de confiança para superintender à sua educação, entre os quais Peter Melbourne, um companheiro de infância de Bolingbroke, nascido numa família que esteve ao serviço dos Lencastre durante décadas e que João de Gaunt vê quase como um filho adotivo.

Entretanto, Henrique dedica-se aos livros quase com a mesma naturalidade com que se dedica às atividades físicas. Há muito para admirar nos livros de orações da mãe: coisas belas, preciosas e vibrantes; ela também possui um bonito exemplar das histórias de Lancelot e dos cavaleiros da Britânia arturiana, graficamente ilustradas com imagens desses notáveis lendários a banquetear-se no seu salão.²⁵

Porém, Henrique também tem livros seus. Aos 8 anos, é-lhe oferecida uma coleção de sete volumes para aprender a gramática latina.²⁶ Se esses livros forem tão convencionais como parece ser o resto da sua educação de nobre, contêm textos em que abunda a sabedoria pagã e cristã. Henrique estuda fábulas gregas de Esopo, provérbios romanos de Catão e histórias que se dizem ter sido registadas pelo severo e brilhante monge cisterciense São Bernardo de Clairvaux.²⁷ Aprende latim, a língua universal da Igreja, e francês, o idioma comum da aristocracia europeia. Abre o

espírito a ideias destiladas de 2 mil anos de civilização. Assimila o que lê. É inteligente e ponderado. Nunca será um sábio, mas é letrado em latim, francês e inglês desde tenra idade, estando esta última língua a reerguer-se do seu estatuto de linguagem de camponeses para se tornar pela primeira vez em séculos um idioma da alta literatura e até da correspondência do governo. Desde os seus primeiros anos, Henrique é bem versado e interessado pelo mundo das palavras e das ideias: um admirador de homens que usam tanto a pena como a espada.

Maria, a mãe, morre no ano de 1394 em Peterborough, destruída pelo trauma de dar à luz o seu sexto rebento, Filipa, a irmã mais nova de Henrique. Não passou dos 25 anos.

A morte ocorre quando a família já está de luto por outro dos seus membros: a mulher de João de Gaunt, Constança. Os funerais das duas mulheres realizam-se em dias consecutivos de julho, na Igreja da Anunciação de Nossa Senhora de Newark, em Leicester*. Esse belo lugar foi concebido para ser um mausoléu ducal dos Lencastre, santificado pela presença de uma relíquia: uma única agulha da Coroa de Espinhos de Cristo, arrancada do conjunto pelo rei de França e entregue ao falecido patriarca da dinastia, Henry Grosmont.

E assim o Henrique mais jovem da família Lencastre confia a mãe à sepultura antes de chegar sequer aos 8 anos. Tem já a idade suficiente para a recordar — ou, pelo menos, para ter uma ideia clara da sua memória e acarinhá-la. Maria ensinou-o, e aos irmãos, a amar a música, a amar o saber, a amar livros, a amar a Deus. Homenageia-a amando ele próprio todas essas coisas.

Aflige Henrique que Maria possa não ter recebido na morte as honrarias que a sua vida merecia†. Por agora, porém, só pode chorá-la e continuar com a sua vida. Viaja durante algum tempo

* Destruída desde há muito: algumas ruínas podem ser vistas no centro de património da Universidade De Montfort.

† A avaliar pela velocidade com que manda construir um novo túmulo para ela ao tornar-se rei. Ver Capítulo 18.

com os irmãos para viver com a mãe de Maria, Joana FitzAlan, condessa de Hereford, no castelo de Bytham, no Lincolnshire. A educação prossegue ao completar o oitavo aniversário e depois o nono. Todavia, com o aproximar do décimo, torna-se claro que Henrique já não pode continuar a ser criança por muito tempo. É o filho mais velho do pai. E o pai é Henrique de Bolingbroke. Quer lhe agrade ou não, a política inglesa arrastá-lo-á em breve para longe da sala de aulas e para o mundo adulto.

Henrique mal deixou a meninice quando a Inglaterra para lá do seu circuito seguro de castelos dos Lencastre entra em erupção. Aprenderá pela dura experiência que é um mundo de perigo. Um mundo de rebelião. Um mundo de exílio. Um mundo de morte.

Acima de tudo, é um mundo modelado pelo caráter peculiar e perigoso do rei Ricardo II.

2

O PREÇO DA PAZ

Henrique sai de Inglaterra pela primeira vez no final de outubro de 1396, a bordo de um navio integrado numa frota que navega de Dover para Calais, onde será convidado na boda do rei Ricardo. O mundo da diplomacia e das relações internacionais aguarda: trata-se concretamente de uma introdução à política de um conflito em que ele virá a ser uma figura determinante, a Guerra dos Cem Anos*.

Leva novos e belos apetrechos para a ocasião, incluindo quatro selas decoradas com apliques chapeados a prata.¹ Tem de se apresentar no seu melhor, porque estão planeados festejos inesquecíveis. O rei Ricardo casa-se com a filha mais velha do rei de França, Carlos VI. A união deles será a peça final do delicado quebra-cabeças diplomático que desde há muitos anos se tenta solucionar. A Inglaterra e a França têm estado em guerra durante quase sessenta anos: um conflito que arruinou milhares de vidas e exerceu uma enorme pressão sobre as finanças e os governos de ambos os reinos. Este casamento suspenderá as hostilidades durante muito tempo, selando umas tréguas projetadas para durarem vinte e oito anos. Ricardo e Carlos pretendem celebrar.

Para esse fim, equipas de engenheiros, construtores e fornecedores de Inglaterra e França têm vindo a trabalhar afincadamente

* É conveniente assinalar aqui que «A Guerra dos Cem Anos» é uma designação de historiadores cunhada no século XIX, que não estava em uso no século XIV.

ao longo de dois meses nas proximidades de Ardres, território neutro entre a cidade inglesa de Calais e a cidade francesa de Guînes*. Estão a erguer uma cidade temporária com mais de duzentos pavilhões brilhantes, protegida por uma extensa paliçada de madeira.

Entre os pavilhões haverá cozinhas e vestiários, canis e estábulos, capelas e lavabos. O sofisticado rei inglês terá um departamento de vestuário capaz de fornecer dezenas de mudanças de traje. Os seus tesoureiros precisam de armazéns seguros para acomodar a quantidade de presentes que Ricardo leva para a família da noiva: «formidáveis presentes de ouro, pedras preciosas, seda e louçaria preciosa».²

Durante uma semana, rodopiarão por esta cidade de tendas barões e damas, cavaleiros e bispos, soldados, funcionários e padres, escrivães, cozinheiros e oportunistas. A lista de convidados ascenderá aos milhares. Haverá jogos, peças de teatro e música. Haverá banquetes e danças. Foram decretados regulamentos a proibir «alaridos, brigas, disputas ou palavras insultuosas».³ O que está em jogo — e os custos — é elevado. No entanto, o espaço está pronto. Tudo está organizado «de modo esplêndido», diz um autor.⁴

Henrique viaja com o pai no grupo de João de Gaunt, o dos Lencastre. Tem 10 anos e deixou a infância: idade suficiente para perceber porque está ali. Esta é a primeira cimeira diplomática que Ricardo realiza com outro grande monarca e o rei está a fazer tudo o que pode com vista a que seja bem-sucedida. Isso implica exibir a sua comitiva: comparecer ladeado por tantos dos seus nobres, amigos e parentes quantos conseguir mobilizar.

A presença de juvenis como Henrique é essencial para a dignidade da corte itinerante do rei. Rapazes como Henrique representam o futuro. São também moedas de troca. Com efeito, abundam as conversas sobre arranjar matrimónio para Henrique

* Em 1520, Ardres será também sede do Campo do Pano de Ouro: a conferência de paz de Henrique VIII com Francisco I.

enquanto estão em França. Foram lançados nomes de diversas princesas de sangue nobre como possíveis mulheres para ele, nomeadamente o de Maria, a filha do duque da Bretanha, com 5 anos.

De momento, nada resulta daí, mas a mera alusão deverá recordar a Henrique aquilo que ele é.

Um rapaz, sim. Na carne, no sangue e na alma.

Porém, também é mais do que isso. Parte de algo muito maior: um corpo de dimensão política, cujas necessidades ele tem de servir.

O que levou os ingleses a Calais? Nesta altura, Henrique já deve ter um conhecimento genérico da história.

A Inglaterra e a França têm estado em guerra desde há cinquenta e nove anos. Desde a conquista normanda de 1066, monarcas ingleses têm sido senhores de territórios em França e foram por isso arrastados para disputas armadas para os alargar ou defender. No entanto, as origens particulares *desta* guerra datam do ano de 1337, quando o bisavô de Henrique, Eduardo III, interveio numa sucessão de crises em França, afirmando que a coroa francesa lhe pertencia por direito legal e moral, e comprometendo-se a comprovar esse facto pela conquista militar.

Desde então, a guerra tem definido as relações entre a Inglaterra e a França, e arrastou para si reinos vizinhos, incluindo os reinos espanhóis, a Escócia e os condados dos Países Baixos. Tem consistido em períodos de combates intensos e sanguinários, intercalados com acalmias durante as quais ambos os lados planeiam o seu próximo passo.

Em 1360, parecia finalmente ter-se chegado à paz. Depois de os ingleses capturarem o rei francês João II na batalha de Poitiers, Eduardo impôs ao seu inimigo derrotado o Tratado de Brétigny, pelo qual ele, Eduardo, renunciava à sua pretensão à coroa francesa em troca de um montante elevado em dinheiro e uma vasta extensão de território francês, na sua maior parte no sudoeste da França, em torno do ducado de Guiena. Contudo, em 1369 a paz de Brétigny quebrou-se. Nunca foi recuperada, por isso, durante cerca

de três décadas, a guerra plena nunca esteve a maior distância do que uma palavra mal-humorada ou um impasse diplomático.

Para alguns, isto é propício. Há falcões de ambos os lados do Canal da Mancha que questionam a conveniência, a sensatez e a possibilidade de uma paz em quaisquer termos que não os mais favoráveis para o seu próprio reino. Tem havido longos períodos em que esta guerra proporcionou, aos ingleses em particular, uma via de escape para o militarismo das suas classes dirigentes masculinas e uma fonte disponível de pilhagem, saque e resgates. A voz sonora e mais consistente em favor da guerra pelo lado inglês é a do tio mais novo do rei, o duque de Gloucester, cuja língua é quase tão afiada como a sua espada. Gloucester desdenha os Franceses como sendo «repletos de bazófia [...] vaidade e presunção» e escarnece do sobrinho, o rei, como «não dado à guerra [...] indiferente às armas» e uma vergonha para a memória do pai e do avô.⁵

As palavras de Gloucester encontraram sempre um público recetivo. Como disse um cavaleiro da corte de Ricardo, até no contexto da desilusão geral com a despesa e o derramamento de sangue do conflito, o público venera veteranos* que «foram grandes guerreiros e combatentes», e que «destruíram e conquistaram muitas terras».⁶

No entanto, em contraste com atitudes como estas há a verdade desagradável de que a guerra exerce uma forte pressão nas finanças e na unidade política de ambos os reinos. Os parlamentos ingleses queixam-se amargamente e com frequência do enorme custo. Os pragmáticos observam que não é totalmente claro o que seria uma verdadeira vitória para cada um dos lados, nem como poderia ser alcançada. Polemistas antiguerra argumentam que a violência de cristãos contra cristãos no Ocidente constitui um obstáculo a um empreendimento mais justo: as cruzadas. Um eclesiástico francês

* Uma atitude comum em tempos de conflitos impopulares. Durante a Guerra do Vietname das décadas de 1950 a 1970, e as Guerras do Golfo dos anos 1990 e da primeira década de 2000, isto era conhecido como sendo «contra a guerra, mas a favor dos soldados».

escreve, em 1395, que os muçulmanos devem estar encantados por reinos que tradicionalmente participam nas cruzadas, a França e a Inglaterra, estarem em guerra, porque isso alimenta «o crescimento e o progresso da muito perversa religião deles e o enfraquecimento da nossa única verdadeira lei e fé».⁷

Tanto Carlos VI como Ricardo II pendem para estes argumentos. Nenhum deles tem a disposição ou os recursos para a ofensiva militar de grande escala capaz de impor um acordo nos seus próprios termos. O rei francês condenou oficialmente um conflito em que «tantos males ocorreram, tantas almas cristãs pereceram, tantas igrejas foram destruídas e mulheres violadas».⁸ O rei inglês está de acordo.

Daí a trégua. Segundo os termos acordados, a Inglaterra e a França abster-se-ão de combater entre si enquanto viverem muitos dos que arquitetaram essa trégua. Têm esperança de que o seu exemplo estimule príncipes de toda a Europa a resolver as suas próprias desavenças e a unirem-se contra o seu inimigo comum e infiel: os turcos otomanos, cujo sultão enviou recentemente exércitos em incursão violenta pelos Balcãs cristãos. (Com efeito, um vasto exército cruzado partiu já para conter os desígnios otomanos relativamente à Hungria, à Bulgária e, finalmente, a Constantinopla.) E esperam que um acordo entre a Inglaterra e a França ajude a sarar um cisma papal já duradouro, no qual dois papas reivindicam legitimidade: um pontífice apoiado pelos Ingleses em Roma e outro apoiado pelos Franceses em Avinhão.

Não é exatamente uma paz total. Mas é o mais próximo disso que se consegue.

Para quê, então, um casamento? Ao que parece, a razão é simples. Há pouco mais de dois anos, a 7 de junho de 1394, a primeira mulher do rei Ricardo, Ana de Boémia, morreu de peste. Tinha 28 anos e casara-se com Ricardo quando ambos tinham 14 anos. Ricardo nunca foi um monarca totalmente estável ou previsível, e a morte de Ana suscitou nele acessos extremados e bastante expressivos de angústia.

Mandou arrasar o palácio em que Ana morreu, um belo retiro em Sheen, na margem do Tamisa. Jurou nunca mais voltar a pôr os pés em qualquer edifício que tivessem visitado juntos. O conde de Arundel chegou tarde ao funeral de Ana e Ricardo atacou-o, batendo-lhe com um bordão antes de o mandar encarcerar na Torre de Londres. Todavia, na tragédia reside a oportunidade: como solteiro, Ricardo pode voltar a casar-se. Os casamentos reais são a moeda de maior valor nas relações internacionais. Em primeiro lugar, são tipicamente lucrativos para o noivo: diz-se que o dote de Isabel chega quase a um milhão de francos. Por outro lado, podem selar tréguas e acordos de paz. E, naturalmente, são também cruciais para consolidar dinastias, um problema que no caso de Ricardo parece premente. O rei tem quase 30 anos, mas não tem irmãos de pleno direito nem — ainda — filhos. (É possível que o seu longo casamento com Ana de Boémia tenha sido deliberadamente casto: Ricardo admira São Eduardo, *o Confessor*, que governou em celibato devoto. Também adora os seus amigos homens.) Se Ricardo morrer amanhã, vários parentes rivalizarão para o substituir. O primo direito outrora afastado, Roger Mortimer, conde de March, estará à cabeça da fila para a Coroa. Os Lencastre — Gaunt, Bolingbroke, o próprio Henrique — poderão não vir muito atrás. Contudo, essa não é uma perspetiva muito animadora. A Inglaterra é sempre um reino muito mais feliz quando o herdeiro de um rei é um filho natural do que um membro da família alargada.

Assim, até um rapaz da idade de Henrique pode compreender como o segundo casamento de Ricardo, em breve celebrado com a filha de Carlos VI, Isabel, vai esplendidamente ao encontro das necessidades da governação. De qualquer modo, ele talvez se interogue de que maneira uma princesa como Isabel poderá ajudar Ricardo na sua segunda grande necessidade marital: a de produzir ele próprio alguns príncipes.

Não é que falte alguma coisa à rapariga, cujo retrato foi enviado antecipadamente para aprovação de Ricardo. E também não há qualquer sugestão de que ela não seja capaz de gerar filhos no tempo próprio.

O problema é que o tempo dela reside num futuro ainda algo distante. Isabel de Valois, filha de Carlos VI de França, nasceu no Louvre, em Paris, a 9 de novembro de 1389.

Ainda não completou os 7 anos.

Na manhã de 26 de outubro de 1386, quinta-feira, Henrique integra o vasto séquito de Ricardo quando o rei cavalga de Calais para o campo de pavilhões agitados ao vento e fulgurantes em Ardres.

À medida que Calais vai ficando para trás, ele pode apreciar a enorme escala da cidade, o enclave inglês mais próximo do lado francês do estreito. A frente marítima estava visível quando o navio atracou: o porto defendido por uma fortaleza e uma bateria de canhões instalada num banco de areia conhecido por Riskbank. Porém, vista daqui, de terra, Calais é ainda mais impressionante. Em torno da cidade estende-se uma linha altaneira de muralhas defensivas que se fundem com as defesas de um castelo possante. Essas muralhas estão protegidas por dois fossos profundos alimentados por água salgada do porto. Para lá delas estende-se terreno pantanoso e movediço, só transponível através de passagens artificiais. Aqui e ali, em ilhas no meio do pântano, erguem-se outras fortalezas: pequenos pontos defensivos que protegem aquele precioso porto de qualquer tentativa de recuperação para as mãos francesas.

Enquanto os ingleses vão deixando Calais através dos pântanos, Henrique poderá ficar a saber por veteranos dos Lencastre que acompanha quanto sangue e suor os seus antepassados derramaram para conquistar Calais há precisamente cinquenta anos.

Durante o inverno rigoroso de 1346–1347, o rei Eduardo III, juntamente com o pai de Ricardo (o «Príncipe Negro») e o bisavô de Henrique, Guilherme de Bohun, conde de Northampton, levaram a cabo um cerco brutal de onze meses para obrigar a cidade a render-se pela fome. Foi uma operação dispendiosa e difícil. Só quando a guarnição de Calais se livrou de cada boca inútil e ficou reduzida a comer ratos e a ponderar o canibalismo, os portões foram abertos pelos defensores.

Portanto, é isto que é uma guerra, pode Henrique pensar. É isto que um rei guerreiro tem de fazer.

O primeiro encontro entre o rei Ricardo e Carlos VI tem lugar no dia seguinte, 27 de outubro, sexta-feira, a meio da tarde. A cena é meticulosamente coreografada.

Para enfatizar a harmonia entre os dois campos, o rei Ricardo desfila ladeado pelos duques franceses de Berry e Orleães. Segundo um observador, veste uma comprida túnica vermelha com um chapéu de onde pendem pérolas.⁹ O rei Carlos usa uma capa à altura do joelho de veludo encarnado, debruada a preto e branco, e um chapéu preto ornamentado com joias.¹⁰ É acompanhado por João de Gaunt e pelo duque de Gloucester. De ambos os lados, centenas de cavaleiros desarmados e apeados enfileiram-se atrás.

Os monarcas abeiram-se junto de um pilar cravado no chão, no meio do campo de pavilhões, e os que os acompanham ajoelham-se ao saudarem-se mutuamente, trocando vinho condimentado, anéis de ouro e outros símbolos de boa vontade: Carlos oferece a Ricardo um jarro de vinho, Ricardo dá a Carlos um copo de cerveja. Fazem um juramento conjunto de construir uma igreja no espaço onde acabaram de se encontrar.

Em seguida, os dois reis e os seus conselheiros mais próximos desaparecem num dos pavilhões e não voltam a aparecer senão depois de cair a noite.

Enquanto eles se afastam, Henrique poderá refletir sobre a estranheza daqueles dois homens, nenhum dos quais correspondendo totalmente ao arquétipo da dignidade real. Pelo menos, Ricardo é familiar. O rei é alto e bem constituído, com uma estatura de 1,80 metros, vários centímetros acima da altura média. Tem o rosto comprido, suavizado por bochechas arredondadas e juvenis, e uma barba curta e macia; os olhos parecem sobressair sob pálpebras pesadas, enquadradas por sobrancelhas altas e arqueadas. Costuma exibir uma expressão ativa e tranquila que visa transmitir realza, mas que na verdade parece mais resultar da perceção de um ligeiro fedor. Gagueja um pouco. Gasta quantias

imensas com comerciantes de tecidos e alfaiates, e veste-se sempre de forma esplendorosa — hoje vem de vermelho; noutro dia poderá estar de branco e verde; num terceiro, pode aparecer completamente trajado em dourado. Tudo isto deixa uma impressão profunda em Henrique, como mostrará a sua vida ulterior.

No entanto, os modos altivos e a pompa de Ricardo servem para enfatizar aquilo em que ele *não* está à altura da dignidade real. Não combate. Não procria. Inspira cautela, até talvez terror, mas não respeito. Henrique poderá compará-lo desfavoravelmente com a visão de realeza e cavalheirismo contida nos livros de lendas arturianas da mãe. Ou poderá contrastar Ricardo com o seu próprio pai, Bolingbroke: um guerreiro comprovado e mundano que participa em torneios e adora mulheres.

Mas há então Carlos VI. O rei francês não é menos estranho do que Ricardo. Carlos é quase dois anos mais novo do que o janota esgaldado que em breve será seu genro. Como Ricardo, tem um instinto para a grandeza da monarquia e não é fraco de espírito. O problema de Carlos é a sua saúde, que é frágil, e assim tem sido nos últimos quatro anos.

Em 1392, Carlos sofreu o primeiro de uma sucessão de episódios psicóticos, nos quais perdeu o domínio das suas faculdades. Quando a loucura se apodera dele, ataca os seus próprios parentes e criados, por vezes com consequências fatais. Por vezes nem consegue reconhecer a sua própria rainha, Isabel da Baviera. Sussurra-se que no ano anterior, durante uma recidiva, Carlos se convenceu de ser a reencarnação de São Jorge.

A saúde mental imprevisível de Carlos e a gravidade dos episódios da doença de que padece têm exercido uma enorme pressão no governo francês. Fações competem pelo controlo do reino quando ele está incapacitado. O veneno infiltra-se lentamente na política francesa. Não há maneira de Henrique saber a que ponto as coisas estão a ficar podres nos palácios de Paris, ou que graves preocupações sobrecarregam os espíritos dos conselheiros do rei francês entre os pavilhões brilhantes em Ardres.

Porém, com o tempo saberá.

*

O dia seguinte ao da conferência real é um dilúvio, com chuvas torrenciais tão violentas que parece «como se as cataratas do céu se estivessem a abrir pela primeira vez».¹¹ Os reis continuam a discorrer em privado, mas lá fora a tempestade varre os campos e fustiga as tendas, sovando-as com tanta força que acabam por se abater. O dia que se segue não é muito mais animado: é domingo e está reservado às orações. Contudo, no quinto e último dia — segunda-feira, 30 de outubro — a chuva dissipa-se, as orações diminuem e chegou a altura do momento final da cerimónia. O que se desenrola é simultaneamente simbólico e demasiado real. Presume-se que Henrique assiste a tudo.

Com a politiquice resolvida, Ricardo e Carlos encontram-se uma última vez no ponto central do campo de paz. Eles e os seus conselheiros têm discutido muitas coisas importantes: a troca de guarnições militares na Normandia, o dote a ser pago como parte da aliança matrimonial, estratégias para tentar impor o fim do cisma papal, uma possível expedição militar conjunta contra o duque de Milão e — mais controverso — o desejo de Ricardo de que Carlos lhe pudesse enviar auxílio contra os seus próprio súbditos, caso viesse a precisar. Agora as conversações acabaram. Assim, desta vez Carlos traz com ele a filha Isabel, transportada pelos duques de Berry e Borgonha, e seguida por «uma procissão brilhante de nobres donzelas, adornadas com coroas de ouro e pedras preciosas».

Isabel está trajada como a própria França: traz um diadema dourado na cabeça e um vestido azul costurado com flores-de-lis em ouro. Chora. Quando é apresentada a Ricardo, ele agradece ao pai por lhe oferecer tão belo presente, mas estas palavras amáveis — que virão a caracterizar um relacionamento vagamente avuncular entre um homem e uma noiva criança — dificilmente a podem consolar. Ela é tão jovem que as suas bonecas foram metidas na bagagem com as magníficas joias e vestes.

Isabel é levada por damas inglesas para ser confortada e preparada para a sua nova vida como rainha, que principiará com o

seu casamento em Calais e prosseguirá com um período a viver na sua própria casa, a aguardar a puberdade, a maturidade feminina e (talvez) a atenção plena do rei.

Entretanto, as multidões, em que Henrique ainda está presente, ficam e esperam que sejam negociadas as derradeiras peças de relacionamento diplomático. Têm de ser feitas proclamações de política conjunta relativa ao cisma papal. Riqueza no valor de uns 300 mil francos em ouro (50 mil libras) tem de trocar de mãos, repartida por moeda, coroas, joias, baixela, louçaria e outras bugigangas.

Esta é a matéria da diplomacia e é por isso que estão todos presentes. Talvez nesta altura Henrique já esteja irrequieto e com vontade de regressar a casa. Também poderá ter imensas perguntas. Poderá interrogar-se sobre a sensação de ser homem, de ser um rei. Casar estrategicamente e construir acordos políticos sobre essa fundação. Poderá refletir se estabelecer a paz será o objetivo mais elevado da função do monarca, ou se o estado natural de Ingleses e Franceses é a guerra. Poderá até fantasiar sobre o que faria, se alguma vez fosse incumbido da responsabilidade suprema de uma coroa na cabeça e um reino a seu cargo.

Não sabe o que com o tempo virá a descobrir. Na verdade, mais do que isso. Em circunstâncias muito diferentes, num mundo completamente distinto, Henrique encontrará o seu próprio caminho para impor a paz entre a Inglaterra e a França. Não se parecerá nada com a abordagem de Ricardo, embora os dois venham a ter uma coisa em comum.

Também Henrique virá um dia a desposar a filha de um rei Carlos de França pobre, atormentado e louco.

Winston Churchill chamou-lhe «um brilho de esplendor na história sombria e conturbada da Inglaterra medieval», mas, para um medievalista moderno, foi, simplesmente, «o maior governante de Inglaterra».

Dan Jones, um dos mais importantes historiadores medievais do nosso tempo, dá vida de forma inesquecível à ascensão surpreendente de Henrique V, que sobreviveu a uma rebelião, a um ferimento de flecha quase fatal e a um longo e precário aprendizado enquanto príncipe para se tornar o maior rei guerreiro da Inglaterra.

Henrique V reinou somente nove anos e quatro meses e morreu com apenas 35 anos, mas paira sobre a paisagem do final da Idade Média e para lá dela. Vencedor da Batalha de Agincourt, imortalizada por William Shakespeare, foi um rei modelo para os seus sucessores. Salvou um país devastado da ruína económica, reprimiu rebeliões e protegeu as fronteiras do reino, enquanto na diplomacia externa fez com que a Inglaterra se tornasse uma potência novamente importante. Porém, as suas conquistas no norte da França seriam a génese para três gerações de calamidades no seu país, sob a forma das Guerras das Rosas.

Uma biografia emocionante e imperdível, que oferece uma visão sem precedentes dos importantes primeiros vinte e seis anos da sua vida, da sua ascensão ao poder e das suas campanhas militares.

**«Feroz, dinâmico, político, íntimo e humano.
Esta é a melhor biografia até agora do maior rei de Inglaterra.»**

Simon Sebag Montefiore, autor *bestseller*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
penguinlivros

ISBN: 978-989-583-880-6



9 789895 838806